

Remédio Amargo

Mais uma vez se acende a luz vermelha no país com a projeção dos técnicos da Fazenda de que a folha de pagamento da União tomará 108% da receita disponível até o fim do ano. O governo, diante da necessidade de enfrentar a dramática situação do déficit público, hesita em cumprir seu dever de adotar os amargos remédios adequados à situação.

Desde que o Plano Cruzado revelou que soluções mágicas não resolvem problemas reais, o governo caiu numa espécie de prostração que o impedia de tomar decisões. Sempre que pressionado, o presidente alegava que os políticos o deixavam de mãos amarradas, negando-lhe um apoio sem o qual não conseguia dar um passo.

Os 344 votos amealhados na Constituinte para a causa presidencialista deram ao presidente até mais apoio do que reclamava. Removeu-se assim o principal obstáculo político. Beneficiado com mais um ano de governo além do que a opinião pública estava disposta a conceder-lhe, fica o presidente com dois anos de governo pela frente. Deste tempo, já perdeu quatro dias, mergulhado de novo nas dúvidas hamletianas que provocaram o desperdício dos primeiros mil dias.

Enquanto o déficit público não for atacado de frente, continuará a ser fonte alimentadora de uma inflação que deixa tontas as classes produtoras e a população trabalhadora. Na época do Plano Cruza-

do, o governo jogou para a arquibancada enquanto faturava uma eleição em que o PMDB, partido de sustentação do governo, raspou o fundo do tacho. O desastre do *dia seguinte* lançou o país num vendaval que deixou à mostra a fragilidade de soluções utópicas.

Algumas cabeças do Planalto continuam a sonhar com soluções mágicas enquanto a inflação vai se tornando intolerável. Chegou o momento de pensar com realismo, mas com urgência. Perdurando a paralisia e a inércia, o país rolará implacavelmente no barranco. Não tínhamos um minuto a perder. Já perdemos um tipo preciosíssimo discutindo sistemas de governo.

O que mais quer agora o governo? O ministro Mailson da Nóbrega desabafou depois de uma destas intermináveis reuniões de Brasília: "As coisas não são fáceis!" De fato não são fáceis. Nem foram fáceis em outros países onde situações caóticas exigiram a adoção de medidas drásticas. Nada será fácil para reverter a situação a que chegamos.

As reservas cambiais estão lá embaixo, a inflação está no alto e a dívida interna dispara para a frente sem parar. Diante desta perspectiva, que espera o governo para enfim se mexer e adotar as medidas duras e rápidas que a nação espera? É dentro do governo que precisa começar a reação, antes que o custeio da máquina burocrática acabe por consumir toda a energia do país.